



CÂMARA DOS DEPUTADOS

Deputado Raimundo Santos – PSD-PA

COMISSÃO DE CULTURA

REQUERIMENTO Nº , DE 2024.
(Do Sr. Raimundo Santos)

Requer a realização de audiência pública para debater sobre a instituição do Dia Nacional do Sebo e do Alfarrabista.

Senhora Presidente,

Requeiro a Vossa Excelência, nos termos do art. 24, inciso III, combinado com o art. 255 do Regimento Interno da Câmara dos Deputados (RICD), a realização de audiência pública, no âmbito desta Comissão, para debater acerca da instituição do Dia Nacional do Sebo e do Alfarrabista.

Para que possamos aprofundar o debate sobre o tema, solicito que sejam convidados:

1. Antonio Carlos Secchin – Professor, poeta, ensaísta e crítico literário carioca.
2. Ruy Castro – Jornalista, biógrafo e escritor mineiro.
3. Lúcio Flávio Pinto – Professor, jornalista e sociólogo paraense.
4. Anderson Kleiton Freitas Sales - Sebo O Relicário, de Belém/PA
5. Messias Antônio Coelho, Sebo do Messias em São Paulo.
6. José Boaventura Xavier, Sebo Paraíso - Mercado de São Brás



JUSTIFICAÇÃO

O “sebo” ou “alfarrábio” e o “alfarrabista” ou vendedor de livros usados configuram o acesso mais facilitado e democrático à literatura em geral, com destaque para as obras raras, além de publicações variadas de estudo e pesquisa. Essa importância torna-se ainda maior em tempos de falência e/ou luta pela sobrevivência de livrarias conhecidas como espaços culturais que atravessaram gerações no Brasil, um símbolo de uma realidade histórica: é preciso melhorar o índice de leitura, do próprio hábito de ler a ser cultivado desde a infância.

Em meio a tantas dificuldades, como o alto custo do livro ao consumidor, o sebo é justamente o local em que se pode encontrar verdadeiras relíquias de grandes autores a um preço acessível. É o ambiente para todos os tipos de gostos de leitura, desde as menos pretensiosas aos “best-sellers” (livros mais vendidos) e obras mais intelectualizadas. Dir-se-ia que é o oásis mais fácil de encontrar para matar a sede de saber, de aprender. Outra vantagem é que o vendedor de livros usados, além de normalmente conhecer os títulos dos mais variados gêneros, quase sempre dá bons descontos.

O poeta, ensaísta e crítico literário brasileiro Antônio Carlos Secchin já disse em seu “Guia dos Sebos”, lançado pela editora Nova Fronteira, que “apesar da tão propalada crise do livro e da leitura, o mercado do livro usado não mostra sinais de retração”. Sobre as buscas por títulos, nas garimpagens em sebos, enfatizou, não é o leitor que encontra o livro, mas seria o contrário que ocorre.

Na Nota dos Editores da terceira edição do Guia dos Sebos, de 2001, faz-se interessante histórico sobre as possíveis origens da terminologia, do qual destaca-se o seguinte trecho:



"Al-Farabi (872-950) foi um filósofo muçulmano, nascido no Turquestão, que viveu em Bagdá e que, por seus conhecimentos e reputação de grande leitor, emprestou seu nome aos livros e documentos antigos ou velhos de pouco préstimo ou valiosos, raros ou comuns.

Alfarrabistas são, portanto, os comerciantes desses livros, cujas lojas, no Brasil, são conhecidas como 'sebos', termo que popularmente parece estar relacionado à aparência já manuseada e, por isso, 'ensebada' das obras ali vendidas. Há quem diga que o nome 'sebo' vem do tempo em que não havia energia elétrica e as pessoas liam à luz de velas, feitas de sebo, sujando e engordurando os livros.

Foi o escritor Josué Montello quem nos chamou atenção para o fato de que esta palavra – sebo – também tem todos os indícios de estar ligada, por uma derivação analógica, ao substantivo 'sebenta', que significa 'apostila', 'apontamentos de aula', e que se explica por uma etimologia igualmente popular, devido ao aspecto bastante usado das tais apostilas. Mas, segundo afirmação de Silveira Bueno em seu *Grande Dicionário Etimológico Prosódico da Língua Portuguesa*, a verdadeira origem da palavra 'sebenta' é outra, por contração, e dela pode-se depreender também uma origem possível para 'sebo', como designação do local onde se vendem sebatas, livros e documentos.

'Do part. pres. **sapiente** se fizeram várias derivadas: **sabença** (**sapientia**), **sabente** e desta forma **sabentar-se** em espanhol, **asabentar** em provençal, catalão, correspondendo ao ital. **insaventire**, tornar-se sábio, erudir-se, instruir-se, donde o português arcaico **assabentar**, **sabentar**.

Desta forma verbal saiu **sabenta**, a apostila, o conjunto de lições, explicações de aulas. Houve assimilação de **a** e **e** (sebenta) já sob a influência do adjetivo **sebento**, **sebenta**. Assim, **sebenta**



nada tem que ver como **sebenta** de sebo, mas queria dizer: a obra, a coleção de notas de classe que tornava o estudante mais preparado, mais sábio” (obs.: negrito adotado para seguir o destaque do original em outro corpo de letra).

Estudos informam que os sebos surgiram no século XVI no continente europeu, quando mercadores vendiam papiros e documentos a pesquisadores. De acordo com os levantamentos, os primeiros sebos foram instalados no Rio de Janeiro no século XIX por meio de intelectuais locais, e foram se espalhando pelo País¹.

Mas existem também diversas teorias sobre o surgimento dos sebos, tornando as hipóteses mais interessantes e até mesmo divertidas para a cultura nacional.²

Ora, para o sebo e o alfarrabista, em concepção pertinente sobre a sua importância para a cultura, bem como o valor da leitura na formação intelectual, pode-se lançar mão de trechos do belíssimo poema “O Livro e a América” de Castro Alves (1847-1871), o principal bardo da Terceira Geração do Romantismo brasileiro na icônica obra “Espumas Flutuantes”, de 1870, tão bem destacados no blog Storytime Livroteca, de Brasília:

(...)

Filhos da Grande nação!

Quando ante Deus vos mostrardes,

Tereis um livro na mão:

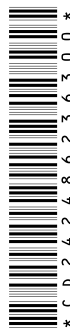
O livro – esse audaz guerreiro

Que conquista o mundo inteiro

Sem nunca ter Waterloo

(...)

Por isso na impaciência



*Desta sede de saber,
Como as aves do deserto –
As almas buscam beber...
Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe – que faz a palma
É chuva – que faz o mar.
Vós, que o templo das ideias
Largo – abris às multidões
P'ra o batismo luminoso
Das grandes revoluções
(...)*

Em seu delicioso livro “Rua do Odéon” (editora Autêntica, 2017), a livreira e editora parisiense Adrienne Monnier (1892-1955), que fundou em 1915 na capital francesa a “Maison Des Amis des Livres” (“A Casa dos Amigos dos Livros”), a qual funcionava como biblioteca de empréstimos, sendo frequentada por eminentes intelectuais da época, assim escreveu sobre a nobreza da atividade da comercialização literária:

*Vender livros parece a certas pessoas tão banal
quanto vender objetos ou mercadorias quaisquer, e com
base na mesma tradição rotineira que só exige do
comerciante e do comprador o gesto de troca do dinheiro*



contra a mercadoria, gesto que se acompanha, em geral, de algumas frases de polidez.

Pensamos, de início, que a fé que pomos na venda de livros, podemos pô-la em todos os atos quotidianos; podemos exercer não importa qual comércio, não importa qual profissão, com uma satisfação que é, em certos momentos, verdadeiro lirismo. O ser perfeitamente adaptado à sua função, e que trabalha em harmonia com os outros, experimenta uma plenitude que se torna facilmente exaltação quando está em relação com homens situados no mesmo plano de vida que ele; assim que pode comunicar e fazer sentir o que experimenta, ele se multiplica, ergue-se acima dele mesmo e se esforça para ser tão poeta quanto pode; essa elevação, essa ternura, não é o estado de graça em que tudo se ilumina de um sentido eterno? Mas se todo homem consciente pode exaltar-se quanto a seu ofício e aprender as relações admiráveis que o ligam à Sociedade, quais não serão nossos sentimentos, no nosso caso de livreiros, que, antes de qualquer pensamento de ganho e de trabalho baseado nos livros, gostamos deles com entusiasmo e acreditamos no poder infinito dos mais belos!

O eminente jornalista e biógrafo mineiro Ruy Castro é bastante conhecido por ser frequentador assíduo de sebos. Em artigo em sua coluna no jornal "Folha de São Paulo", edição de 12 de fevereiro de 2023, intitulada "Vá ao Sebo", ele declarou com bom humor e enaltecendo esse ambiente: "Já cansei de dizer que, quando morrer, não quero ir para o céu, quero ir para o sebo. É onde passei grande parte da vida. Deles saíram pelo menos metade dos livros que tenho em casa – a melhor metade". No final, dá o fecho do texto com a seguinte afirmação: "Os sebos fecham, mas não morrem".



Para a escolha do Dia Nacional do Sebo e do Alfarrabista, propõe-se a data do nascimento do saudoso advogado, jornalista, empresário e bibliófilo José Mindlin (1914-2010): **8 de setembro**. Com apenas 13 anos, ao entrar em um sebo em São Paulo, adquiriu o seu primeiro livro, "Discurso sobre a História Universal", de 1740, escrito pelo bispo, teólogo, orador e escritor francês Jaques-Bénigne Bossuet (1627-1704). Mindlin, nascido na capital paulista e que herdou do pai a paixão pela cultura e arte, era reconhecido pelo grande amor aos livros. Ele montou não apenas a maior, mas a mais expressiva biblioteca privada do País com nada menos que 45 mil volumes.

Em 2006, ano em que foi eleito imortal para a Academia Brasileira de Letras (ABL), transferiu 25 mil volumes, parte do acervo dedicada ao Brasil, à Universidade de São Paulo (USP), após vencer imbróglios burocráticos ao longo de quinze anos. Em 2010, faleceu no dia 28 de fevereiro no Estado de São Paulo.

Diante do exposto e tendo em vista que o tema é de grande relevância para a cultura brasileira, solicito o apoio dos nobres pares na aprovação deste requerimento.

Sala da Comissão, em de de 2024.

Deputado Raimundo Santos

PSD-PA

¹<https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-cultura/2194478>

²<https://escrevereler.com.br/por-que-o-sebo-tem-esse-nome/>

